

A MOTIVAÇÃO RELATIVA NA LIBRAS

Vanessa Gomes Teixeira (UERJ)

vanessa_gomesteixeira@hotmail.com

RESUMO

Segundo Saussure, língua é um sistema de signos constituído arbitrariamente por convenções sociais, que possibilita a comunicação entre os indivíduos. O linguista também explica que, na língua, apenas uma parte dos signos é radicalmente arbitrária, pois há também os signos relativamente motivados. No caso da língua de sinais brasileira (libras), apesar de ser esta a língua natural da comunidade surda, a mesma teve seu *status* linguístico oficializado apenas em 2002 e, até os dias de hoje, ainda sofre preconceito por parte de alguns estudiosos, que a reduzem a simples gestos aleatórios ou a comparam com a mímica. Levando em conta essas considerações, o presente trabalho visa abordar questões ligadas à descrição da libras, pesquisando de que forma o conceito de motivação relativa de Saussure está presente nessa língua. A partir da análise do tema em questão e da pesquisa sobre a motivação relativa da libras, esperamos que, além da descrição da língua brasileira de sinais, sejam discutidas questões que desconstruam preconceitos em relação à língua.

Palavras-chave: Motivação. Libras. Língua brasileira de sinais. Saussure

1. Introdução

Segundo Saussure, língua é um sistema de signos constituído arbitrariamente por convenções sociais, que possibilita a comunicação entre os indivíduos. O linguista também explica que, na língua, apenas uma parte dos signos é radicalmente arbitrária, pois há também os signos relativamente motivados.

No caso da língua de sinais brasileira (libras), apesar dessa ser a língua natural da comunidade surda, a mesma teve seu *status* linguístico oficializado apenas em 2002 e, até os dias de hoje, ainda sofre preconceito por parte de alguns estudiosos, que reduzem essa língua a simples gestos aleatórios ou a comparam com a mímica.

Levando em conta essas considerações, o presente trabalho visa abordar questões ligadas à descrição da libras, pesquisando de que forma o conceito de motivação relativa de Saussure está presente nessa língua.

A partir da análise do tema em questão e da pesquisa sobre a motivação relativa da libras, esperamos que, além da descrição da língua brasileira de sinais, sejam discutidas questões que desconstruam preconceitos em relação à língua.

2. A diferença entre língua e linguagem

Saussure (2006) explica que a língua é uma parte determinada e essencial da linguagem. Além disso, a primeira é “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 17). Já a segunda é multiforme, heteróclita e pode ser estudada por diferentes disciplinas, como a psicologia, antropologia, gramática normativa, filologia etc. Para ilustrar a diferença entre língua e linguagem, podemos destacar o exemplo citado por Sueli Fernandes (2007):

Geralmente, por não se apropriarem da oralidade, há uma tendência entre pessoas surdas em realizar atos de comunicação utilizando gestos, mímicas, apontações e, até mesmo, dramatizações para serem entendidos. Aos olhos leigos, toda essa gestualidade corresponde à língua de sinais, mas ela apenas, mas ela apenas constitui formas de expressões da linguagem não-verbal. (FERNANDES, 2007, p. 4)

Nesse exemplo, podemos perceber que há uma diferença entre a linguagem, feita por meio da mímica e apontações, e a língua de sinais. Isso porque, enquanto a mímica é mais detalhada e varia de acordo com o indivíduo que a executa, na língua de sinais, permanece apenas o sinal convencionalizado pelo grupo de falantes. De acordo com Gesser (2009) “A pantomima (mímica) quer fazer com que você veja o objeto, enquanto o sinal quer que você veja o símbolo convencionalizado para esse objeto” (GESSER, 2009, p. 20).



Fig. 1. Fonte: GESSER, 2009, p. 21

Logo, podemos concluir que língua, na visão saussuriana, é um sistema de natureza homogênea, pois “constitui-se num sistema de signos

onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (SAUSSURE, 2006, p. 23). Além disso, pode ser vista como um sistema criado a partir de uma convenção entre seus usuários, no caso, a comunidade surda.

3. *A arbitrariedade na libras*

Na visão saussuriana, uma unidade linguística, chamada também de signo, é formada de duas partes: um conceito, que ele chamará de “significado”, e uma imagem acústica²⁷, que será denominada de “significante”. Além disso, para o linguista, a relação entre essas duas partes é arbitrária²⁸. Como ele explica:

Assim, a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa a qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes. (SAUSSURE, 2006, p. 80)

Logo, a ideia de arbitrariedade da língua se relaciona com a ideia de convenção: a palavra “mesa” na língua portuguesa, por exemplo, é arbitrária, pois só recebe esse nome devido a uma convenção que estabelece esse conceito e não porque há uma relação entre o som da palavra e o objeto que ela designa.

No caso da libras, um exemplo que podemos citar é o sinal do substantivo “mulher”. Este não tem seus constituintes influenciados pela imagem do objeto ao qual ele se refere. Isso mostra que, mesmo a libras sendo uma língua de forte motivação icônica, alguns dos seus sinais são arbitrários.

²⁷ Em relação à ideia de imagem acústica, é importante lembrar que esse conceito não se relaciona com o som material, pois, como explica Saussure (1916), “esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a impressão que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 1916, p. 80)

²⁸ Segundo Saussure, a palavra *arbitrário* “não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.



Fig. 2. Fonte: <<http://www.acessobrasil.org.br/libras>>.

Outros exemplos que também podem ser citados são alguns verbos, como “ter” e “querer”. Nesses casos, seus sentidos foram estabelecidos a partir de conceitos convencionais criados e não porque seus significantes nos dão “pistas” ou têm alguma relação direta com seus sentidos.

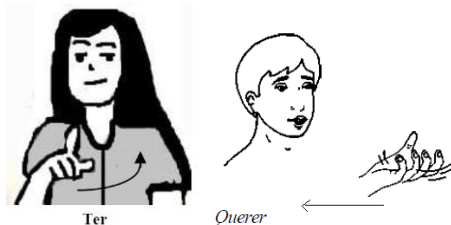


Fig. 3. Fontes: Teixeira & Leitão, 2013, p. 36 e Salles, 2004, p. 93

4. A motivação relativa na libras

Apesar de afirmar o conceito de arbitrariedade, Saussure também assume que, na língua, apenas uma parte dos signos é radicalmente arbitrária, pois há também os signos relativamente motivados. De acordo com o linguista:

Assim, vinte é imotivado, mas dezenove não é no mesmo grau, porque evoca os termos dos quais se compõe e outros que lhe estão associados, por exemplo, dez, nove, vinte e nove, dezoito, setenta etc.; tomados separadamente, dez e nove estão nas mesmas condições que vinte, mas dezenove apresenta um caso de motivação relativa. O mesmo acontece com pereira, que lembra a palavra simples pêra e cujo sufixo –eira faz pensar em cerejeira, macieira etc.; nada de semelhante ocorre com freixo, eucalipto etc. (SAUSSURE, 2006, p. 152)

Trabalhando com os exemplos da libras acima, ainda que o substantivo “mulher” seja arbitrário, os substantivos “menina” e “costureira”

são relativamente motivados, como mostra a figura abaixo:



Fig. 4. Disponível em: <<http://www.acessobrasil.org.br/libras>>.



Fig. 5. Disponível em: <<http://www.acessobrasil.org.br/libras>>.

Assim, exemplos acima apresentam motivação relativa, já que o sinal “menina” é formado pela estrutura: sinal de “mulher” + sinal de “pequeno” e “costureira” é formado a partir do sinal de “mulher” + o sinal “costurar”.

Temos também o caso da negação dos verbos “ter” e “querer”. Ainda que eles sejam arbitrários, quando os utilizamos em sentenças negativas, eles se tornam o que podemos considerar sintagmas relativamente motivados, como mostra a figura abaixo:

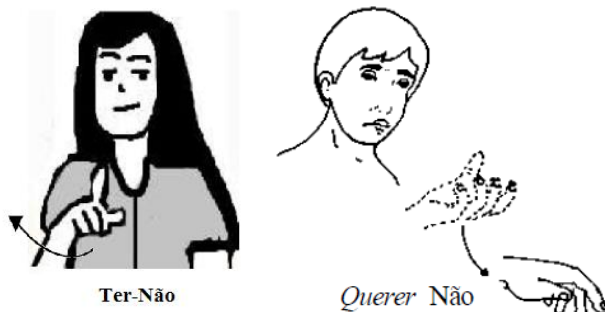


Fig. 6. Fontes: Teixeira & Leitão, p. 36 e Salles, 2004, p. 93

Isso ocorre porque, na libras, a negação, em alguns casos, é incorporada ao verbo e, por isso, as expressões “ter-não” ou “querer-não” são constituídas a partir de outros termos que lhe estão associados. Assim, elas apresentam motivação relativa, já que a negação desses verbos é formada pela estrutura: sinal do verbo + a negação associada à raiz, alterando o parâmetro movimento do sinal, que se direciona para o lado contrário ao da base na conclusão do sinal e caracteriza a negação incorporada.

Por fim, em relação à motivação de um signo, como os exemplos das palavras *dezenove* e *pereira*, trabalhados por Saussure, vale lembrar que essa motivação nas línguas orais não é nunca absoluta, pois “não somente os elementos de um signo motivado são arbitrários (cf. dez e nove em *dezenove*) como também o valor do termo total jamais iguala a soma dos valores das partes; *per x eira* não é igual a *per + eira*” (SAUSSURE, 2006, p. 153).

5. *Considerações finais*

O presente trabalho teve como objetivo trabalhar questões relacionadas à motivação relativa na libras, conceito proposto por Saussure. A partir da análise do tema em questão, além da descrição da língua brasileira de sinais, foram discutidas questões que justificam o status linguístico da libras e desconstróem preconceitos em relação à língua.

Apesar de inúmeras lutas e séculos de opressão, podemos observar progressos significativos no que diz respeito à comunidade surda, como a oficialização da libras, o direito do surdo de ter um intérprete nas instituições educacionais, a obrigatoriedade da inclusão do ensino de libras

nas áreas de licenciatura no ensino superior para surdos etc. No entanto, para que a libras seja realmente reconhecida como língua, é necessário, além da implementação de políticas públicas, estudos que descrevam suas singularidades e que desconstruam estereótipos equivocados.

Eliminar o preconceito e reducionismos da sociedade é um caminho difícil, mas mudar a perspectiva e o olhar que temos em relação à comunidade surda é um fator fundamental para que haja a real inclusão. Além disso, são necessárias modificações de modo que as especificidades da comunidade surda sejam atendidas e, principalmente, sua singularidade linguística respeitada. É preciso que seja desenvolvida uma visão crítica em relação ao contexto social atual, direcionando o olhar para os surdos e criando a consciência de que essa comunidade é composta por integrantes ativos em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, n. 79, p. 23, 25 abril 2002.

_____. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua brasileira de sinais – libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], 7 Brasília, DF, n. 246, p. 28-30, 22 dez. 2005.

DECHANDT, Sônia B. A apropriação da escrita por crianças surdas. In: QUADROS, R. M.(Org.). *Estudos surdos I*. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERNANDES, Sueli. Avaliação em língua portuguesa para alunos surdos: algumas considerações. In: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. *Grupos de estudos por área*. Curitiba, 2007.

GESSER, Audrei. *Libras? Que língua é essa?* Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. *Manual de linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; WILLIAMS, L. C. de A. (Orgs.). *Temas em educação especial IV*. São Carlos: EdUFSCar, 2004.

_____. *Língua de sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SALLES, Heloísa Maria M. L. et al. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*, v. 1. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, Tanya Amara Felipe de. Uma breve retrospectiva da educação de surdos no Brasil (II). Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. In: _____. *Libras em contexto: curso básico do estudante cursista*. Brasília: SEESP, 2001.

TEIXEIRA, Vanessa Gomes; LEITÃO, Catarina Modesto de Carvalho. Flexão verbal em libras e em língua portuguesa: análise contrastiva. *Revista Philologus*, Ano 19, N° 55, p. 31-43. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2013. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/revista/55/003.pdf>>.